

Tradução por André Becker Saidenberg

Sumário

- 2 Mensagem da Presidente
- 4 Vozes dos Amazona – Papagaio-de-nuca-amarela
- 6 Somente Único – Arara-de-garganta-azul
- 8 Todos da família
- 12 Cuidados básicos de saúde para aves - Como sei que minha ave está doente?
- 15 Relatório de campo – Sucesso com ninhos artificiais – Papagaio-de-bico-grosso
- 16 Altos e baixos – Papagaio de Porto Rico
- 18 PsittaNews
- 19 Contatos do WPT
- 20 Psitacídeos na natureza: Caturrita

Mensagem da Presidente

De vez em quando é bom, mesmo que por pouco tempo, deixar de lado as preocupações com o mundo e ter pensamentos positivos. Guerras, doenças e agitação financeira – é fácil sentir-se incapaz de ajudar. Vamos criar momentos para nos divertir com nossos amigos, família e animais com quem dividimos nossas vidas, vamos festejar os importantes passos adiante pela vida selvagem que tanto nos importa, tal como o Papagaio de Porto Rico sobre o qual poderá ler na página 16.

Outra razão para estar alegre é que o World Parrot Trust chegou ao seu vigésimo aniversário nesse ano! Estarei contente em receber você na sede do Trust – o Paradise Park em Cornwall para os dois dias de celebração. Leia mais na página www.parrots.org/invitation

Eu estou ansiosa em poder mostrar o Paradise Park para você, ouvindo pessoas com muitos anos de experiência tais como Carl Jones que irá falar conversar sobre o trabalho de uma vida inteira de conservação de espécies insulares, E. B. Cravens com sua riqueza de conhecimento sobre saúde e comportamento de psitacídeos, Sam Williams contando sobre sua pesquisa de campo e o Diretor Jamie Gilardi com novidades de projetos que ele visitou ao redor do mundo.

Eu estou imaginando uma tarde quente de verão, sentada em nossos magníficos jardins ouvindo jazz acompanhado pelas vocalizações de aves de todas as espécies. Nós iremos nos atualizar sobre novas pesquisas em conservação de psitacídeos, trocar idéias sobre projetos de aviários, comparar observações sobre cuidados com aves de cativeiro e sair com muitos planos sobre como podemos ajudar nossas aves favoritas.

OK, nós não podemos mudar o mundo somente com pensamento positivo, mas quando meu pai Mike Reynolds inaugurou o World Parrot Trust tantos anos atrás, ele nos inspirou em levar ajuda na prática a dúzias de espécies de psitacídeos necessitados. Vamos aproveitar essa oportunidade para nos unir e celebrar o incrível mundo dos psitacídeos que tanto enriquecem nossas vidas!

Alison Hales
Presidente

Capas

FRENTE: Anteriormente encontrado por toda a América Central, o Papagaio-de-nuca-amarela (*Amazona auropalliata*) é um dos papagaios mais conhecidos dessa região. Essa espécie foi afetada duramente pelo comércio de aves de estimação e pela fragmentação do habitat e desapareceu completamente por grande parte do antigo território. A educação em comunidades está fazendo a diferença para os Papagaios-de-nuca-amarela da Costa Rica e novas pesquisas estão abrindo as portas sobre o aprendizado de vocalização nas populações selvagens. Leia as Vozes dos Amazona, página 4. © Hugo Cobos

VERSO: A caturrita (ou cotota) (*Myiopsitta monachus*) é a única espécie de psitacídeo que constrói um ninho de gravetos. Essa ave e seus companheiros de bando se instalaram na parte inferior de um enorme ninho de Jabirús. É possível que as oportunidades para nidificar criadas pelos Jabirús tiveram um papel na evolução da construção de ninhos pelas Caturritas. © Jamie Gilardi

Página 3 – “Nós sabíamos que era preciso tomar uma atitude para reduzir a captura e sabíamos que tínhamos de incluir o máximo da população local.” Vozes dos Amazon, página 4.

As Vozes dos Amazona

Unindo a Ciência e Conservação no Norte da Costa Rica

Escrito por Alejandro Salinas, New Mexico State University

Eu não sabia o que esperar enquanto me preparava para conversar com vaqueiros da Costa Rica sobre Papagaios-de-nuca-amarela (*Amazona auropalliata*). As pessoas de Guanacaste se consideram um povo duro capaz de resistir ao calor, seca, e forte chuva do Norte da Costa Rica. Felizmente tudo ocorreu fantasticamente bem...

Não somente os vaqueiros estavam muito interessados na minha conversa, mas também começaram a fazer perguntas e contar suas próprias histórias. Conforme conversei com as pessoas, uma voz familiar surgiu. Era José, um dos principais empregados nessa “finca”, ou fazenda. Ele perguntou: “O que aconteceu com aqueles Papagaios-de-nuca-amarela que você translocou para cá?”. José estava muito interessado no experimento que lhe havia contado numa visita anterior.

Procurando por aliados: A área onde José trabalha e onde tivemos essa conversa sobre educação ambiental é um local muito importante de nidificação para os Papagaios-de-nuca-amarela. No entanto, a sua importância é bem conhecida pelos traficantes também. Virtualmente todos os ninhos são roubados a cada ano nesse local, e somente aqueles menos acessíveis são deixados para trás. Nós sabíamos que era preciso tomar uma atitude para reduzir a captura e sabíamos que tínhamos de incluir o máximo possível da população local.

O Programa de Investigación Biológica (PIB) da Área de Conservación de Guanacaste (ACG), o Parque de Santa Rosa e o World Parrot Trust se tornaram nossos aliados em desenvolver um programa educacional num esforço de parar com o tráfico na área.

O PIB-ACG é um elo importante entre a sociedade local e a pesquisa que conduzimos, pois eles envolvem as escolas locais sobre assuntos relacionados à natureza. Por exemplo, alguns estudantes participam num dia totalmente relacionado a psitacídeos, visitando um ninho no campo e recebendo pulseiras do WPT (veja a PsittaScene Vol.19, N.3, Maio de 2007).

Apesar do sucesso ao aumentar a conscientização entre as crianças, um participante estava faltando em nossos esforços – os vaqueiros cavalgando na área movendo o gado de um pasto a outro, que vêem essas lindas aves todas as manhãs. Nós sabíamos que precisávamos incluir esses vaqueiros em nossos esforços para proteger os papagaios, conhecidos localmente como “loras”. Devido a sua presença contínua na área, eles poderiam localizar onde os ninhos estavam e nos contar se algum estranho esteve na área procurando por ninhos.

Queríamos que esses “sabaneros” (o nome local para vaqueiros) entendessem o estado crítico de conservação das “loras” e a necessidade de proteção, e a importância da cooperação mútua para o bem dessas aves. Durante meu discurso, eu não pude deixar de perceber que um dos empregados usava uma pulseira do WPT que tínhamos dado aos estudantes no ano anterior.

Foi um sentimento agradável ver o quão longe nossas ações haviam ido, espalhando a mensagem das crianças para os pais. Tudo indicava que mais um aliado havia se unido aos nossos esforços e mais um olho estaria no campo para vigiar os ninhos.

Falando de linguagens. Durante minha pesquisa de campo anterior eu havia falado com José sobre os dialetos locais das “loras” aqui na Costa Rica, e que iríamos transferir indivíduos de um dialeto para outro local e ver se as aves translocadas aprenderiam vocalizações do novo dialeto.

José estava fascinado com os dialetos. Essa espécie de papagaio tem uma maneira específica de se comunicar em cada região. Populações separadas por poucos quilômetros poderiam ter linguagens totalmente diferentes. As pessoas viajando da Nicarágua para a capital da Costa Rica, San José, tem de atravessar 2 dialetos. José estava ainda mais animado em aprender que existe outro dialeto na Nicarágua.

Meu orientador, Tim Wright, havia anteriormente descoberto que a resposta de casais em reprodução aos duetos (um tipo de vocalização feita por um macho e uma fêmea) de um mesmo dialeto é muito mais forte do que aos duetos de um dialeto diferente. Essas vocalizações são tão diferentes que o ouvido não treinado pode diferenciar um dialeto de outro. Se essas vocalizações são tão diferentes, dialetos poderiam funcionar como barreiras ao movimento de indivíduos entre grupos de dialetos diferentes.

No entanto, a análise genética sugere que os indivíduos na verdade cruzam os limites em busca de um local para viver. Esses papagaios aprendem fácil, e podem imitar sons de uma maneira incrível. Então se a dispersão é possível, aprender novas vocalizações ao chegar num novo local parecia possível.

A idéia atrás desse experimento de translocação era encontrar evidências de que um papagaio estrangeiro poderia “igualar vocalmente” os dialetos locais. Independentemente do fluxo de indivíduos entre os dialetos, parece que nem os limites de dialeto, tampouco as vocalizações modificam-se com o passar do tempo.

Se eu pudesse encontrar indivíduos que igualam vocalmente o dialeto local depois de serem transferidos, teria a prova da adaptação vocal como mecanismo que os Papagaios-de-nuca-amarela utilizam para manter os dialetos.

E assim aconteceu, encontramos a prova de adaptação vocal em uma jovem – Kelly. Nós translocamos diversos papagaios entre dialetos incluindo uma jovem que meus assistentes de campo apelidaram de “Kelly”.

Diversas semanas após a translocação, Kelly não havia demonstrado muita atividade quando Shannon e Holly (duas de minhas assistentes) vieram até mim muito animadas. Elas haviam visto o que parecia ser duas outras aves vocalizando para Kelly. Essa ave se tornou especial para nós porque tinha sido muito difícil de seguir e quando avistada, oferecia para nós observações interessantes e às vezes divertidas.

O dia mais gratificante com Kelly foi quando descobrimos que a ave havia modificado sua vocalização para o tipo local do dialeto do Norte. Esse era um jovem que fora translocado do dialeto do Sul para o Norte, quando seis semanas após a soltura estava vocalizando “wawas” – o chamado feito pelos papagaios do dialeto do norte. Holly e eu seguimos Kelly até a borda de um riacho onde encontramos duas aves brincando sem outras ao redor.

Nós não podíamos ver que ave estava com o rádio-colar, mas o sinal estava indicando o par. Eles estavam voando e fazendo algumas curvas no ar antes de empoleirar em uma árvore. Logo 3 outras aves se juntaram a eles. Um par vôu e logo depois o outro, deixando nossa ave sozinha por um momento. Quando ela vôu para o local de pernoite estava vocalizando “wawas” enquanto voava. Nós pudemos ver o transmissor claramente pendurado em seu pescoço.

Esse encontro com Kelly foi algo excitante e inesperado, e eu quase esqueci de gravar essas novas vocalizações. Nós estávamos totalmente emocionados e no dia seguinte fomos procurando por Kelly novamente para comprovar a adaptação vocal. Encontramos a ave sozinha na borda de outro riacho na mesma área. Dessa vez nossas observações foram ainda mais recompensadoras.

Kelly estava empoleirada em uma árvore alta. Depois de um tempo, uma ave sem marcação se aproximou vocalizando e Kelly respondeu e a acompanhou voando. Ambas voaram alguns metros para o outro lado do córrego, e depois de vários minutos elas retornaram ao local onde as avistamos primeiro.

Kelly pousou em uma árvore alta totalmente sem folhas, vocalizando e a outra ave pousou num galho mais alto. O amanhecer estava batendo direto no transmissor de Kelly e nós podíamos vê-lo brilhando com a antena torta. Subitamente nós tivemos outra surpresa à medida que a ave sem marcação começou a regurgitar para Kelly. Parecia que a nova garota da cidade havia encontrado um parceiro, já que esse comportamento geralmente indica que alguma conexão se formou entre os dois indivíduos.

Eu conversei com José mais uma vez depois da palestra de conscientização, mas antes que soubesse sobre a adaptação vocal de Kelly. A próxima vez que conversar com ele, ele ficará maravilhado com nossas descobertas. Se tivermos sorte nós conseguiremos mais pessoas tão interessadas quanto José. Precisamos de mais aliados de toda Guanacaste que estejam interessados na conservação dessas aves incríveis que nos deram alegria, diversão, e ao mesmo nos fizeram suar muito.

Foto: Educando a comunidade sobre seus psitacídeos locais mostrou ser benéfico e recompensador. Os vaqueiros da Costa Rica não somente vigiam contra o tráfico, mas consideram a pesquisa fascinante. Os experimentos mostraram pela primeira vez que os Papagaios-de-nuca-amarela podem aprender um novo dialeto quando translocados.

Somente Único

Escrito por Igor Berkunsky

Num clarão turquesa e dourado iridescente, uma jovem arara se lançou em vôo.

Existem poucas coisas mais excitantes e espetaculares do que ver uma arara voar pela primeira vez. Tudo tem ido bem para esse filhote de Arara-de-garganta-azul (*Ara glaucogularis*) – os seus pais escolheram um ótimo local para o ninho, sua mãe incubou seu ovo perfeitamente, e ambos os pais o alimentaram com todas as frutas e sementes adequadas.

Mas “Único” como se passou a chamar, tinha um grande problema. Sua asa direita desenvolveu uma deformidade e ele não podia abri-la adequadamente e voar. Para a maior parte dos psitacídeos selvagens a perda de um único filhote não seria grande preocupação, mas para Único a situação era relamente única. Ele não era somente o único filhote a sair do ninho neste ano, mas era o único filhote de Arara-de-garganta-azul a sair para “voar” durante toda a estação reprodutiva de 2008. Nenhum dos outros casais conhecidos na natureza havia criado filhotes, e a maior parte sequer havia feito posturas de ovos! Como podia acontecer isso?

Como relatado muitas vezes durante os últimos sete anos, o World Parrot Trust tem trabalhado na Bolívia com essa ave espetacular – a arara mais rara no meio selvagem – para encontrar, proteger e ajudar cada casal reprodutor a criar o máximo de filhotes possível. Nós fazemos isso ao empregar uma variedade de ferramentas para conservação, muitas desenvolvidas especificamente para esse projeto, tais como melhorando as condições dos ninhos existentes, instalando novas caixas de ninho artificiais, protegendo os ninhos e filhotes de predadores, e fornecendo aos filhotes suporte médico e nutricional conforme a necessidade.

Na última estação reprodutiva (2007) nossos anos de trabalho foram recompensados com a maior performance reprodutiva já registrada, e 10 filhotes saíram dos ninhos. E pela primeira vez vimos casos de três filhotes de Arara-de-garganta-azul se desenvolvendo com sucesso de um único ninho.

Seguido do sucesso dos ninhos com 3 filhotes, a desanimadora reprodução em 2008 foi um choque. Nós só havíamos visto uma situação similar uma única vez anteriormente, também quando a fonte primária de alimento, a palmeira motacu, simplesmente falhou em produzir frutos.

E assim aconteceu que 2008 foi um dos anos mais secos já registrados, então não foi tão surpreendente que as palmeiras não floresceram e frutificaram. Na verdade, quase todos os outros periquitos, *Amazona* e araras vivendo nessa região “seguraram” a reprodução, provavelmente na esperança de que mais alimento iria estar disponível no próximo ano.

Infelizmente, as Araras-de-garganta-azul não têm tempo a perder. Como espécie criticamente ameaçada, cada filhote e cada estação reprodutiva são partes importantes da sua esperada recuperação. Os 150-200 casais remanescentes que tentaram reproduzir nos anos bons estão espalhados por uma vasta região sazonalmente inundada, quase do tamanho do país de Gales, ou duas vezes o tamanho do estado de Connecticut.

Para que a população cresça e se recupere, esses casais remanescentes não somente tem que reproduzir com sucesso ano após ano, mas também seus filhotes devem chegar até a idade adulta, encontrar outras araras do sexo e idade certas e formar um casal funcional. Numa área

tão vasta com tão poucas aves jovens produzidas a cada ano, encontrar qualquer Arara-de-garganta-azul é um desafio considerável.

Encontrar exatamente a ave certa é especialmente desafiador. Assim mesmo as dificuldades não terminaram já que o novo casal deve encontrar um local para nidificar que esteja disponível e seja adequado, e acertar todos os outros detalhes antes que possam criar seus próprios filhotes e ajudar a população a crescer.

Enquanto vemos que a proteção e o apoio das aves é nossa prioridade para conservação, pode ser que uma recuperação total sob as condições atuais não esteja prevista. Elas podem ter simplesmente muitos desafios a enfrentar. Um trabalho mais intensivo para reduzir o risco de predação ainda mais, pode ser uma solução viável.

Mas no fim pode ser necessário que aves de cativeiro venham a ajudar suas primas selvagens, preenchendo algumas áreas bastante extensas agora desocupadas na Bolívia, e eventualmente facilitando que essas aves possam encontrar um par ideal, reproduzir com sucesso e fazer com que a espécie retorne uma vez mais até níveis seguros.

Para Único a estória somente começou: Ele está sendo cuidado em cativeiro e esperançosamente se tornará um embaixador para ensinar sobre seus parentes selvagens. Poucos Bolivianos jamais ouviram sobre ou muito menos viram uma Arara-de-garganta-azul.

Nós temos a esperança de que Único irá mudar tudo isso, ajudando os povos locais e turistas a compreender quão preciosas essas aves são e como sua situação é precária hoje em dia. Nós também estamos trabalhando para encontrar uma fêmea para ele, na esperança de que um dia possa criar seus próprios filhotes que voarão livremente sobre as florestas e savanas da Bolívia.

Nosso trabalho para impedir a extinção da Arara-de-garganta-azul somente se tornou possível através das contribuições de entusiastas de psitacídeos ao redor do mundo. Através da sua generosidade nós podemos colocar pesquisadores em campo para encontrar e proteger ninhos, instalar ninhos artificiais, alimentar filhotes e assegurar que saiam do ninho com sucesso.

Para apoiar e saber mais sobre nosso trabalho para salvar a Arara-de-garganta-azul por favor acesse www.parrots.org/bluethroats

Todos da Família

A árvore Genealógica dos Psitacídeos

Escrito por Timothy F. Wright e Erin E. Schirtzinger, Departamento de Biologia, New Mexico State University

As raízes mais antigas da árvore genealógica dos psitacídeos tem sido por longo tempo um assunto misterioso. Com seus corpos sólidos, ceroma carnudo, fortes bicos curvos e pés zigodátilos (dois dedos para frente e dois para trás) os psitacídeos (Ordem Psittaciformes) são facilmente diferenciados de todas as outras famílias de aves.

No entanto, essa mesma similaridade na forma do corpo compartilhada pelos psitacídeos tem dificultado para os taxonomistas em concordar na organização das relações entre diferentes generos e espécies. Em alguns casos tem sido difícil decidir se diferentes populações de uma espécie representam espécies diferentes, ou podem ser simplesmente um resultado de uma variação dentro de uma única espécie.

A identificação de tais espécies enigmáticas é vital para uma conservação efetiva. Se as provas genéticas mostrarem que uma pequena sub população de uma espécie largamente distribuída é na verdade uma espécie diferente, então salvar essa nova e rara subespécie se torna uma prioridade em conservação. Tal descoberta pode também sugerir modificações nos métodos de avicultura feitos em zoológicos e criadores privados.

Em adição a esses assuntos práticos, solucionar a história evolutiva de um grupo é útil para biólogos que queiram um melhor entendimento da evolução dos mesmos traços que fazem os psitacídeos tão interessantes, tais como sua longevidade, plumagem colorida, grande inteligência e incríveis habilidades vocais.

Para iluminar as relações misteriosas dentre psitacídeos, nós temos trabalhado por diversos anos para criar uma árvore genealógica evolucionária dos psitacídeos (uma filogenia) usando dados genéticos coletados com técnicas moleculares modernas.

De modo a obter uma grande amostragem de espécies de psitacídeos, nós colaboramos com uma equipe internacional de cientistas e veterinários. As complexidades legais de transportar amostras de psitacídeos (geralmente sangue conservado ou tecido congelado) significava que no final, um de nós (Erin) na verdade viajou para cada um desses países de modo a fazer o trabalho laboratorial necessário a coletar os dados genéticos.

Nossos esforços ao redor do mundo resultaram em uma grande árvore genealógica (Figura 1) que inclui espécies representativas de 69 dos 82 gêneros reconhecidos.

Interpretar árvores filogenéticas pode ser bastante confuso para os não iniciados, então aqui respondemos algumas perguntas básicas sobre a filogenia e alguns dos padrões evolucionários que estão mostrados.

1) Como você interpreta uma filogenia?

As filogenias podem ser ensinadas como se fossem uma árvore genealógica com descendentes se ramificando para longe de uma única espécie ancestral. As pontas da árvore (na direita da figura 1) são as espécies que atualmente existem. Os locais onde os dois galhos se unem são chamados nós, que representam o último ancestral comum de uma destas duas espécies existentes.

Por exemplo, no topo da filogenia o local onde os ramos saindo do *Agapornis roseicollis* e do Lóris Morcego (*Loriculus galgulus*), o encontro é onde está o nó e representa o último ancestral comum destas duas espécies.

Todos os galhos saindo de um nó em direção às pontas do lado direito da árvore são os descendentes daquele ancestral, e as espécies no final destes galhos são portanto mais relacionadas uma à outra do que aquelas vindo de um nó diferente. O comprimento dos galhos separando uma ponta de um nó, ou dois nós de um ao outro, representa a quantidade de evolução entre estes nós. Em nosso caso o comprimento dos galhos representa a quantidade de mudança genética vista entre as amostras de sequências de DNA.

2) Como você escolheu as espécies na árvore?

Nossas espécies foram escolhidas para representar o máximo de gêneros existentes de psitacídeos quanto possível. Em geral nossa escolha de qual espécie utilizar dentro de um

gênero foi guiada pela disponibilidade de amostras apropriadas para análise genética, tanto tecido em um museu ou de uma ave viva em uma coleção de zoológico da qual poderíamos obter uma amostra de sangue.

3) *Quem são os parentes mais próximos dos psitacídeos?*

Os não-psitacídeos em nossa árvore incluem uma coruja, um passeriforme, um calau, um pica-pau, um cuco, um rabo-de-junco, um falcão e uma pomba. Essas Ordens foram escolhidas porque em um momento ou outro foram sugeridas como os parentes mais próximos dos psitacídeos tanto por evidências morfológicas ou genéticas.

Eles estão marcados em cinza e ramificam para fora do nódo mais basal, que representa o ancestral comum de todas estas Ordens de aves. Nessa árvore em particular o falcão e as espécies de passeriformes se ramificam do mesmo nódo que culmina em todos os psitacídeos, sugerindo que são os parentes mais próximos dos psitacídeos.

Esse resultado, no entanto, não foi consistentemente encontrado em outras árvores que construímos a partir de subconjuntos de dados ou com diferentes métodos de construção de árvores. Além do mais outras filogenias recentemente publicadas, que tiveram amostragens mais variadas entre as Ordens aviárias, também encontraram resultados contraditórios em relação a quem seriam os mais próximos parentes dos psitacídeos.

Essa confusão reinante sugere que os psitacídeos são realmente uma Ordem de aves bastante antiga que se dividiu de ancestrais de outras aves modernas muito tempo atrás, talvez até mesmo 80-90 milhões de anos atrás, durante o Período Cretáceo. A identidade do seu parente mais próximo continua um mistério aguardando outras pesquisas.

4) *Quais são os psitacídeos mais antigos?*

Se você for seguindo a árvore do nódo basal conectando os psitacídeos até os não-psitacídeos, verá que o primeiro grupo de psitacídeos a se dividir do ancestral comum dos psitacídeos é um grupo (ou clade) da Nova Zelândia que inclui o Kea e o Kakapo (Clade vermelho na Figura 1).

Essa divisão indica que eles são o grupo que está mais distantemente relacionado ao restante dos psitacídeos e isso tem implicações interessantes para as origens geográficas dos psitacídeos, pois a Nova Zelândia é uma das primeiras porções de terra a se separarem do antigo supercontinente Gondwana, por volta de 82 milhões de anos atrás.

Isso apóia uma hipótese de longo tempo formulada de que os ancestrais dos psitacídeos modernos se originaram nesse continente e que a distribuição atual dos psitacídeos na Austrália, América do Sul, Sudeste Asiático e África podem ser em grande parte explicados pela separação subsequente deste supercontinente nestes continentes modernos.

5) *Eu achava que as Cacatuas eram os psitacídeos mais antigos?*

As cacatuas foram consideradas por muitos como representantes da linhagem mais antiga de psitacídeos baseando-se em algumas características anatômicas singulares (incluindo a crista erétil), mas essa hipótese não é sustentada por nossos dados genéticos. Elas foram o próximo grupo a se separar após as espécies da Nova Zelândia e são fortemente apoiadas como um grupo distinto pelos dados genéticos (clade laranja).

6) *O que vêm a seguir na árvore?*

Se você seguir pela árvore para cima a partir do nó que leva à cacatuas, verá um grande número de nós separados por pequenos galhos, sugerindo que aconteceu uma rápida diversificação de psitacídeos que levou aos grupos modernos tais como lóris, psitacídeos neotropicais, psitacídeos Africanos, e os vários grupos encontrados na Austrália e Ásia.

7) *Porque alguns desses grupos parecem estar fora de ordem?*

Existem algumas surpresas singulares na árvore genealógica dos psitacídeos. Uma é a de que os periquitos australianos não são muito relacionados à rosellas, *Psephotus* e outros psitacídeos Platycercinos da Austrália. Ao invés disso, são um membro da clade que inclui os lóris e os papagaios pigmeus.

Além disso, os psitacídeos Africanos não formam uma clade única, ao invés disso o Papagaio-do-Congo e psitacídeos do gênero *Poicephalus* são fortemente relacionados entre si, enquanto que o Papagaio de Vasa em Madagascar se diferenciou mais cedo na árvore e que os *Agapornis* estão em uma clade totalmente diferente que também inclui os Papagaios morcego da Indonésia (gênero *Loriculus*) e o estranho guaiabero encontrado somente nas Filipinas (clade de cima em magenta).

Esse padrão sugere que a África pode ter sido colonizada por diversas linhagens diferentes de psitacídeos em épocas diferentes.

8) *Nada da classificação antiga continua valendo?*

Alguns grupos historicamente reconhecidos são fortemente apoiados por nossa árvore. Em adição a cacatuas e lóris já mencionados, (apesar de que tenham um surpreendente parente como o periquito australiano), um grupo principal de Psittaculídeos da Australásia que inclui os Papagaios Ecletus, o Singing parrot, o King parrot e o Princess parrot receberam um apoio significativo (clade em verde escuro).

Uma segunda e bem baseada clade é a dos psitacídeos Platycercinos que inclui as rosellas, o *Psephotus*, Periquito Mulga, e o Port Lincoln parrot, e algumas espécies encontradas na Nova Zelândia e tão longe quanto as Ilhas Fiji (clade azul). Uma terceira e bem baseada clade é a dos psitacídeos Neotropicais do México, América Central, América do Sul, e Caribe, os quais são todos mais fortemente relacionados uns aos outros do que a qualquer outro grupo de psitacídeos (clade maior em verde claro).

9) *O que vêm a seguir?*

Estamos continuando nossa pesquisa ao preencher os gêneros que faltam e começando a acumular informações para todas as espécies em certas clades. Em seguida, como parte da dissertação de Erin, se fará uma filogenia a nível de espécies dos psitacídeos Neotropicais. Fique ligado para mais revelações sobre a árvore genealógica dos psitacídeos!

Figura 1. Filogenia dos psitacídeos construída utilizando dados genéticos. As cores denotam grupos de espécies de psitacídeos discutidos no texto.

Dúvidas? Se tiver outras dúvidas sobre a árvore genealógica dos psitacídeos, por favor, mande-as a Joanna Eckles, Editora da PsittaScene no email joanna@worldparrottrust.org. Ansiamos em respondê-las em uma futura edição.

Para mais informações consulte nossa publicação mais detalhada no periódico *Molecular Biology and Evolution* (Wright et al 2008, 25(10) 2141-2156), uma versão está disponível em nosso site <http://biology-web.nmsu.edu/twright/>

Agradecimentos especiais ao Smithsonian Institution, Universidade de São Paulo no Brasil, Victoria University em Wellington, Nova Zelândia, Loro Parque e o National Institute of Toxicology and Forensic Science nas Ilhas Canárias, Espanha.

Créditos das fotos: Rosella © Aardvaark/Flickr.com, Aratinga mitrata © Mike Bowles, Lóris arco-íris © Steve Milpacher, Arara-azul © Shutterstock, *Agapornis personata* © Steve Martin, Ecletus © Shutterstock, *Amazona viridigenalis* © Mike Bowles, *Cacatua galerita* © Shutterstock, Papagaio-do-Congo © Shutterstock, Kea © Ron Hoff.

Cuidados básicos de saúde para aves - Como sei que minha ave está doente? Artigo e fotos pela Dra. Brenna Fitzgerald

Em geral psitacídeos saudáveis são alertas, tem olhos brilhantes, são ativos e interessados no que está acontecendo ao redor. Claro que indivíduos variam no seu nível de atividade e comportamento, e todos os psitacídeos passam alguma parte do dia descansando e dormindo.

Para uma ave normal e saudável pode-se esperar que gaste partes do dia comendo, brincando, vocalizando, e interagindo com outros membros da casa. Os donos de aves de estimação frequentemente percebem que suas aves estão mais ativas e barulhentas ao amanhecer e entardecer, e quando a atividade da casa está no seu pico, e estão mais quietas entre esses períodos.

Quando estiver avaliando a saúde de sua ave a uniformidade é muito importante: Partindo do princípio que está num ambiente doméstico estável e com uma rotina, uma ave saudável deve ser bastante consistente no seu comportamento, nível de atividade, e apetite. Por essa razão você deve estar alerta para mudanças, mesmo se podem parecer insignificantes.

É uma boa idéia monitorar regularmente o peso de sua ave. Você pode fazer isso em casa utilizando uma balança pequena que meça em gramas. Apesar de que você pode comprar uma balança especificamente para aves, pode-se obter uma balança do tipo utilizada em correios que funcionará igualmente bem. Checar o peso de sua ave uma vez por semana pode ajudar a reconhecer mudanças significativas, tanto grandes perdas e ganhos podem ser importantes e devem ser levadas a conhecimento de seu veterinário.

Você também pode sentir a musculatura peitoral de sua ave para verificar a condição da musculatura. Os músculos peitorais da maior parte das aves são bem desenvolvidos para proporcionar o vôo, e se localizam em ambos os lados da “quilha”, uma saliência óssea pronunciada que faz parte do osso do esterno. Comece por gentilmente sentir o peito de sua ave para localizar o osso e então passe seu dedo para cada lado de modo a sentir o tecido muscular mais macio.

O músculo peitoral é mais desenvolvido em alguns indivíduos do que em outros, e pode estar um pouco diminuído em aves que não voam frequentemente. O que é importante é se familiarizar com a condição muscular normal de sua ave, de modo a melhor reconhecer as mudanças que podem indicar doenças.

Reconhecendo sinais de doenças

Em adição a se familiarizar com o comportamento normal de sua ave e monitorar sua musculatura peitoral e peso, você também deve ter atenção a mudanças nos níveis de energia ou atividade, apetite, fezes, ou comportamento.

As aves são famosas por demonstrarem sinais iniciais de doenças de maneira muito sutil, com os sinais não se tornando aparentes até que a doença esteja muito avançada. Alguns têm proposto que isso representa uma adaptação evolutiva: aves que podem disfarçar doenças são menos prováveis de serem escolhidas por predadores na natureza.

Independente do motivo, os sinais iniciais são frequentemente despercebidos e desconsiderados pelos donos, de tal modo que a ajuda veterinária não é procurada até que a ave esteja muito doente. Obviamente, identificar os problemas no início é muito importante e pode fazer a diferença entre a vida e a morte.

Aves que não se sentem bem podem se tornar mais quietas e menos ativas, e podem demonstrar um interesse reduzido em socializar ou brincar. Você pode perceber que ele ou ela passa grande parte do dia dormindo ou descansando, fica com as penas arrepiadas, ou está menos energético quando tem suas atividades normais.

Além disso, uma ave doente pode escolher ficar no poleiro mais baixo ou no chão da gaiola, frequentemente porque é necessário menos energia para fazer isso. As mudanças no comportamento típico incluindo a maneira que interage com outros também pode ser importante.

Você também deve observar sua ave procurando por mudanças de apetite. Isso não inclui apenas a perda de apetite (anorexia), mas também um aumento ou diminuição relativa, ou mudança dos alimentos preferidos. As aves algumas vezes se tornam “mimadas” quando doentes, demonstrando interesse apenas em alimentos altamente palatáveis e abandonando a alimentação primária.

Em adição a isso, a composição dos dejetos de sua ave podem indicar uma riqueza de informações. Os dejetos contêm três componentes, fezes produzidas pelo trato gastrointestinal, e uratos e urinas produzidos pelos rins. A coloração das fezes, volume, e consistência podem variar tremendamente e são afetadas por numerosos fatores, incluindo a ingestão da dieta.

Aves que se alimentam de uma dieta a base de sementes tem principalmente fezes verdes, enquanto que aquelas se alimentando de ração extrusada tem fezes mais volumosas que adquirem a cor da ração consumida. Fezes mais moles podem ser produzidas quando aves consomem uma grande porção de frutas frescas e vegetais.

O uratos, um excreta eliminado pelos rins, são tipicamente brancos mas podem também ter uma coloração creme ou de amarelo bem pálido. A urina, compondo a parte líquida dos dejetos, é na maior parte das vezes transparente, verde bem claro ou pode ficar com a cor da variedade da ração extrusada oferecida na dieta.

Esteja alerta para mudanças nos dejetos de sua ave, ou na habilidade de sua ave em conseguir eliminar os dejetos, pois podem ser indicativos de uma doença. Anormalidades dignas de nota incluem a passagem de fezes negras (melena) que pode ocorrer quando ocorre sangramento no trato gastrointestinal superior, sangue nas fezes, fezes moles (diarréia), passagem de alimento não digerido, ou fezes com cheiro ruim.

Uratos anormais podem ficar amarelo brilhante, verde ou rosa, e urina anormal pode ficar escura, verde, marrom, ou conter sangue. As mudanças no volume da urina também podem ser importantes, se você perceber um aumento significativo no volume da urina, especialmente se acompanhado de aumento na sede, você deve consultar seu veterinário especializado em aves.

Escolhendo seu Veterinário de Aves

Assim como para qualquer animal, pessoas e psitacídeos inclusive, cuidados preventivos com a saúde são de importância vital, pois podem permitir a detecção da doença antecipadamente e um tratamento ainda em tempo. Isso é especialmente verdadeiro com aves já que os sinais de doenças podem ser sutis e um atraso no tratamento pode ter consequências devastadoras. A principal coisa a fazer é escolher um veterinário com experiência em aves.

Isso pode ser mais difícil do que parece, porque existem muitos veterinários por aí com diferentes níveis de experiência e diferentes habilidades para se levar em conta.

Todos veterinários são obrigados a completar um curso de 5 anos de treinamento em veterinária para receber o título de bacharel em medicina veterinária. Durante esses 5 anos, os estudantes aprendem sobre muitas espécies de animais domésticos, e frequentemente tem a oportunidade de escolher um objetivo primário.

Os estudantes que tem um interesse especial em animais selvagens, incluindo-se aves, répteis, e pequenos mamíferos, podem ter aulas especiais e ganhar experiência prática no tratamento dessas espécies. No entanto, a maior parte dos cursos de veterinária proporciona somente conhecimentos básicos na medicina de animais selvagens. Portanto, os estudantes com esse interesse devem procurar se aperfeiçoar constantemente após a graduação na forma de aulas adicionais, conferências e orientações.

Alternativamente eles podem seguir um treinamento mais formal para se tornarem “especialistas” na especialidade de sua escolha. Para uma especialização em medicina aviária nos Estados Unidos, esse processo de credenciamento é controlado pelo Conselho Americano de Profissionais Veterinários, que requer que os candidatos tenham completado 5 anos de prática em veterinária, e passar em um teste especializado entre outros numerosos requerimentos para se credenciar.

Os especialistas certificados em medicina aviária tem alguns títulos após seus nomes (ABVP-avian) e são relativamente poucos em números. Existem também muitos veterinários não credenciados com um interesse especial em aves, que conseguiram experiência considerável e se esforçaram para continuar atualizados através da educação continuada.

Além do mais, muitos desses indivíduos compreendem a importância de consultar com colegas mais experientes quando tem que lidar com um caso que ultrapassa seu nível de conhecimento. Quando apropriado, eles podem recomendar ir a um colega especializado ou hospital com capacidades adicionais para diagnóstico ou cirurgia.

Existem muitos ótimos veterinários por aí, tanto com certificação quanto sem. O desafio está em escolher um que atenda às suas necessidades e de sua ave, que inspire confiança, e que esteja disposto a consultar-se com outros veterinários quando necessário.

Quando estiver fazendo sua escolha, considere não somente o nível de conhecimento do profissional, mas também o seu nível de conforto ao lidar com aves, incluindo um manejo gentil que não cause stress desnecessário. Procure por alguém que atenda um grande número de pacientes aviários e que se esforce para permanecer atualizado.

Se estiver em dúvida, pergunte algumas questões que esclareçam as suas preocupações. E por último procure conselho e recomendações de outros indivíduos idôneos tais como outros veterinários, criadores experientes, ou outros donos de aves.

Cuidados Preventivos com a Saúde

Uma vez que você tenha decidido por um veterinário de aves, é importante trazer sua ave para uma “manutenção regular”, incluindo exames físicos anuais e estética. De início, tal visita deve ser estruturada em melhorar a saúde de sua ave e bem-estar ao ajudar você a conhecer os detalhes de treinamento e outras formas de enriquecimento.

Em adição a esses componentes fundamentais do check-up anual, seu veterinário poderá recomendar exames de rotina tais como hemogramas, para monitorar a saúde como um todo de sua ave. Apesar de que estes tipos de exames e procedimentos definitivamente terem seu mérito, é prudente ter em mente que não são necessariamente obrigatórios, e que a verdadeira definição de bem-estar não é somente definida por exames e resultados de exames.

Muitas clínicas veterinárias também oferecem serviços de hotel, e sabendo que sua ave está sob supervisão veterinária enquanto você está longe de casa pode proporcionar um paz mental extra.

Quando Você deve Consultar seu Veterinário?

A melhor regra a seguir é: se estiver em dúvida VÁ. Quando se trata de aves, sempre é preferível exagerar em precaução. Se você não tiver certeza, telefone para o consultório veterinário para conversar sobre a situação.

Também é importante localizar um centro veterinário com plantão para emergências que seja equipado para lidar com emergências aviárias fora dos horários comuns de serviço. Pode ser pouco realista e exagerado esperar que veterinários de plantão sejam completamente versados em todos os aspectos da medicina aviária, mas é justo e apropriado utilizar seus serviços para estabilizar sua ave antes de levá-la a seu veterinário usual.

Isso pode incluir o controle de hemorragias, estabilização de fraturas, diminuir a dor, e fluidoterapia, Ninguém conhece sua ave melhor do que você próprio. Por essa razão sempre confie em sua intuição se achar que sua ave pode estar doente. Mesmo se os sinais forem sutis, eles não devem ser desconsiderados porque podem ser realmente bastante significativos.

Fotos: Ensinar sua ave a subir em uma balança permite que se consiga pesar regularmente. A mudança no peso pode ser um importante primeiro sinal de doença.

Uma maitaca que está com os olhos vívidos, alerta e tendo comportamento normal limpando as penas.

Dejetos normais de um psitacídeo que se alimenta de ração extrusada.

Uma vez que aves demonstram sinais como dessa Calopsita, estão frequentemente muito doentes.

Relatório de Campo – Sucesso com Ninhos Artificiais

Escrito por René Valdes, Javier Cruz, Gabriela Ortiz, Francelia Torres e José I. González.

Era o final de Abril de 2008 e os Papagaios-de-bico-grosso (*Rhychopsitta pachyrhyncha*) da Madera em Chihuahua, México, estavam escolhendo cavidades para fazerem novos ninhos para a próxima estação reprodutiva. Em somente dois meses haveria postura dos primeiros ovos. Baseado em nossos conhecimentos de 14 anos sobre a espécie e sua preferência por álamos já envelhecidos (e instáveis), nós projetamos, construímos e instalamos 20 caixas de ninhos artificiais.

Em 1995, o Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey (ITESM) começou a estudar essa espécie e trabalhar na sua conservação. Em 2008 com o apoio do World Parrot Trust, os “Ejidos” locais (donos de terras) e autoridades governamentais, nós fizemos um encontro sobre a importância deste projeto e a implementação de um novo plano de recuperação para os papagaios.

Os donos de terras concordaram em permitir a instalação de caixas de ninhos e perguntaram à ITESM para mantê-los informados dos desenvolvimentos dos projetos e o sucesso da nidificação dos papagaios. O interesse local nos papagaios-de-bico-grosso é bem diferente de 1995 quando o projeto começou. Agora a conservação e sustentabilidade evoluíram em uma nova geração.

Os projetos para as caixas-ninho foram direcionados pelos aspectos dos ninhos naturais tais como a largura da entrada, profundidade, e diâmetro interno. Da mesma maneira nós levamos em consideração os parâmetros das cavidades naturais para instalar as caixas-ninho tais como exposição do lado da colina, altitude, inclinação, e altura do nível do solo. As caixas-ninho foram colocadas em três espécies de árvores: Abeto de Douglas, o Pinheiro Branco Mexicano e o Pinheiro Durango.

Em 20 de Junho, somente 50 dias após o processo de instalação ter terminado, o uso das caixas-ninho era de 30% (6 ninhos). Os seis ninhos artificiais foram utilizados pelos papagaios durante a estação reprodutiva mas a nidificação foi confirmada em apenas um deles. Com isso confirmamos a primeira utilização bem-sucedida de uma caixa-ninho por essa espécie ameaçada. Três ovos foram botados e três filhotes eclodiram, mas infelizmente um deles morreu durante a primeira semana. Os outros dois saíram voando dois meses após a eclosão.

Os outros cinco ninhos foram utilizados para pernoite, mas também observamos comportamento reprodutivo. Os papagaios colocaram material para ninho tais como penas. Também criaram o substrato ao cavocar o interior. Esse foi um sinal positivo para os próximos anos mesmo que os papagaios não tenham sido bem sucedidos na sua primeira tentativa nessa estação reprodutiva. Eles gostaram das caixas e as usaram muito rápido!

A equipe do projeto gostaria de agradecer ao World Parrot Trust pelo patrocínio e especialmente a Jamie Gilardi por seu conhecimento e conselhos. Também gostaríamos de agradecer a Daniel Perez, representante da área sul do Ejido El Largo, e à unidade de

Conservação e Desenvolvimento Florestal #2 (Unidad de Conservación y Desarrollo Forestal #2) do Ejido Alfonso Dominguez, por seu apoio e instalações nas suas áreas para conservação do Papagaio-de-bico-grosso.

Foto: O primeiro uso documentado de um ninho artificial pelo ameaçado Papagaio-de-bico-grosso. Das 6 caixas ocupadas, uma foi utilizada para nidificação. O casal teve 3 ovos e 2 filhotes sobreviveram até o primeiro vôo.

Altos e baixos

Reproduzindo os Papagaios de Porto Rico

Artigo e fotos por Ricardo Valentin

O esforço para reproduzir o criticamente ameaçado Papagaio de Porto Rico (*Amazona vittata*) em cativeiro é uma tentativa que tem sido levada por décadas. No entanto, somente recentemente nós pudemos ser capazes de criar um número significativo de papagaios em cativeiro. Nós conseguimos atingir um nível consistente de produção de filhotes no Aviário Rio Abajo que superou todos nossos esforços anteriores na história da reprodução em cativeiro dessa espécie. Muitas descobertas importantes e acontecimentos se juntaram para nos ajudar nesse sucesso.

A pesquisa

Por muitos anos o fato do Papagaio de Porto Rico ter procriado de maneira ruim em cativeiro foi atribuído à endogamia, problemas de saúde, condições climáticas adversas na localização do aviário, comportamento anormal dos casais, ou à uma dieta que não era a correta para suas necessidades. Uma grande quantidade de esforços foram gastos durante anos para resolver essas diversas questões. Quando comecei como avicultor no aviário Rio Abajo em 1999, decidi estudar todas as informações disponíveis para tentar determinar o sucesso das diferentes abordagens para aumentar o número de filhotes sendo criados.

Infelizmente os registros para o Aviário de Luquillo, de onde as aves se originaram não estavam detalhados o suficiente para discernir quais iniciativas estava tendo um efeito considerável sobre a produtividade do aviário. Por outro lado o primeiro avicultor de Rio Abajo, Jose Rodriguez, produziu uma quantidade massiva de informações sobre todos os aspectos de gerenciamento dos aviários. Essa informação primordial de dados foi a fundação na qual minhas decisões iniciais de gerenciamento foram baseadas.

Um detalhe particularmente digno de nota surgiu da análise das informações. Era a de que a perda de ovos e filhotes resultantes do comportamento das aves em muito superava todas as outras causas da pobre performance no aviário. Para certificar que eu estava no caminho certo pedi os conselhos do Dr Joseph Wunderle. O Dr. Wunderle é um ornitologista que tem seguido o programa do Papagaio de Porto Rico por muitos anos e tem um entendimento sem comparações do programa e de sua história.

Uma nova direção

O Dr Wunderle compartilhou a sua análise pessoal das informações do aviário comigo. Ele confirmou minhas suspeitas de que a falta de reprodutores competentes e de boa índole era uma das principais, senão a mais importante causa das dificuldades do programa em reproduzir essa espécie. No Aviário Rodriguez ele ressaltou que os melhores procriadores eram os casais compostos por aves criadas pelos pais.

As aves criadas na mão frequentemente eram ruins para procriar e um manejo cuidadoso era necessário para que eles completassem o ciclo reprodutivo com sucesso. Mesmo alguns dos casais nunca realmente conseguiram reproduzir. Era claro que a maneira mais simples de aumentar a produtividade era aumentar o número de aves criadas pelos pais e recrutar tantas quanto possível para a população reprodutora em cativeiro.

No entanto, reter um número significativo de aves criadas pelos pais para a população de cativeiro viria a ser, ao menos inicialmente, impossível. No outono de 1999 eu fiz um relatório para o comitê interagências no qual eu pedia mais tempo para incrementar a população em cativeiro em Rio Abajo antes que as aves fossem levadas para o programa de soltura que estava programado para começar em 2000.

Minha hipótese era de que o número de casais férteis disponíveis nos aviários era muito pequeno para produzir filhotes suficientes tanto para aumentar o número de aves em cativeiro e preencher as necessidades do programa de soltura. Infelizmente o comitê não viu as coisas dessa maneira. Naquela época o planejamento para as solturas na natureza já tinha sido feito por diversos anos e a opinião generalizada prevalecendo era a de que os aviários poderiam tanto proporcionar as solturas e aumentar a reprodução. Então foi decidido que Rio Abajo iria prover uma quantidade significativa de aves para a soltura na Floresta Nacional do Caribe.

Altamente improvável

Nos próximos dois anos Rio Abajo contribuiu com 19 aves para o programa de soltura. Esse número era aproximadamente 65% da produção somada para aqueles dois anos. Já que o programa de soltura levou as melhores aves, eu me encontrei com as aves mais fracas que frequentemente incluíam aves criadas na mão que, como observado anteriormente, não somente eram difíceis de se manejar, mas também frequentemente pais ruins.

Devido a que algumas aves morreram jovens ou ficaram doentes, a somatória de bons reprodutores era ainda menor do que os números brutos indicavam. Eu me desesperei em jamais ser capaz de aumentar nossa produção de aves a mais do que 12 a 16 filhotes ao ano. Mas alguma coisa totalmente inesperada aconteceu, e então como se diz em histórias, a trama se desenrolou.

Em Dezembro de 2001, um de nossos Papagaios de Hispaniola (*Amazona ventralis*) substitutos morreu após ficar doente por algum tempo de uma doença misteriosa. Quando recebemos os resultados da necropsia fomos atingidos em cheio. A causa da morte foi identificada como SDP (Síndrome da Dilatação Pró-ventricular).

Como você pode imaginar a notícia foi profundamente desmoralizante e em Rio Abajo nós visualizamos em desespero a possibilidade de desastre total em nosso aviário. Pouco após os resultados da necropsia foram anunciados, uma quarentena foi imposta em Rio Abajo.

Nenhuma ave iria deixar o aviário até que os experts estivessem totalmente seguros de que nossas aves não constituíam uma ameaça à sobrevivência da espécie. A quarentena esteve em vigor por cinco anos. Os primeiros meses da quarentena foram difíceis para a equipe enquanto que cada morte era contemplada com a mais profundo terror. Mas à medida que os meses se passaram nenhuma das aves que morreram demonstraram sinais de SDP, uma faísca de esperança começou a aparecer.

Eu comecei a imaginar se, com a quarentena da SDP imposta, nós poderíamos transformar o limão mais azedo na mais deliciosa limonada jamais imaginada. É incrível que um acontecimento altamente improvável – o fato de que uma ave aparentemente morreu de uma

doença terrível e ameaçadora, nunca mais ocorrendo na coleção – modificou a história do programa.

Os anos de quarentena

Devido à quarentena nós fomos capazes de, por cinco anos seguidos, manter toda nossa produção de filhotes. Na verdade, eu havia obtido o que queria em 1999. Durante esses 5 anos não poupamos nenhum esforço para garantir que nossas aves iriam crescer para se tornar adultos bem ajustados e eventualmente tornarem-se bons procriadores que eram tão desesperadamente necessários ao programa.

A equipe do aviário de Rio Abajo, Brian Ramos, Jong Piel Banchs e Tomas Medina tiveram uma parte vital nessa tarefa. Sem seu trabalho dedicado eu duvido que teríamos sido bem sucedidos. Nossa estratégia não teve resultados rapidamente. Nos primeiros quatro anos da quarentena, nossa produção definhava em 10 aves ao ano. Isso era devido principalmente a que havia poucas aves para parear e nem todas eram compatíveis ou capazes de reproduzir. Mas em 2006 as primeiras aves criadas durante a quarentena alcançaram a maturidade e tudo mudou.

Em 2006 nós então adicionamos 10 novos casais reprodutores à população. Eles não eram apenas qualquer casal, eram as aves que havíamos gasto tantos esforços para criar adequadamente. Os resultados foram incríveis. A produção de filhotes mais do que dobrou em um único ano, de 12 para 29. Com alegria não somente alguns casais estavam 100% férteis no seu primeiro ano, mas também criaram seus próprios filhotes com um mínimo de intervenção. Um avanço significativo foi o número de casais férteis que foram de 4 em 1999 e de 7 em 2001, para 22 em 2009.

Entre os anos de 2006 e 2008 o aviário produziu 90 aves – um nível recorde de produção. Um resultado inesperado foi que, quando chegou a hora de começar as solturas na área de Karst de Porto Rico em 2006, um grande número de aves adultas e criadas pelos pais eram candidatos para soltura. De 2006 a 2008, mais de 60 aves foram soltas na floresta de Rio Abajo, a maior parte contribuição do aviário de Rio Abajo. A população selvagem na Floresta de Rio Abajo agora está entre 32 a 40 indivíduos.

Em 2006 após 5 anos testando nós declaramos as aves livres de SDP. Com o passar de anos, biópsias foram feitas de um grupo selecionado de aves, carcaças foram cuidadosamente examinadas por sinais de SDP e toda ave doente foi monitorada para qualquer sintoma que pudesse revelar os sintomas clássicos. Nos últimos 8 anos nenhuma ave mostrou qualquer traço de estar infectada.

Concluindo

Acho que não posso dar a ninguém uma fórmula pronta para sucesso – um protocolo que irá garantir que as aves reproduzam ou um aditivo particular que irá fazer com que fiquem mais férteis. No entanto, existem algumas coisas que posso recomendar e que provavelmente irão ajudar um programa de reprodução em cativeiro a ter melhor desempenho.

Você deve estudar o histórico de vida e comportamentos individuais caprichosos com atenção. O método de padronização irá sempre deixar de fora aves que iriam procriar se as suas necessidades particulares fossem satisfeitas.

Determine os principais problemas que afetam a reprodução do criatório. Estudos bioquímicos, análises matemáticas e modelos genéticos são ferramentas extremamente úteis

mas devem passar sob o julgamento das pessoas em contato com as aves. Essa é uma área onde o gerenciamento vindo de cima para baixo não funciona muito bem.

Você necessita de pessoas com experiência porque nesses programas frequentemente terá que lidar com acontecimentos improváveis e inesperados. Seguindo rígidas fixas simplesmente não irá funcionar nesses casos. Em programas de reprodução em cativeiro você não somente deve ser capaz de superar os difíceis desafios, mas também ser rápido em aproveitar-se de qualquer oportunidade que apareça.

Finalmente é muito importante que você tenha em mente que os animais em um programa de cativeiro, em nosso caso papagaios, não são testemunhas passivas às técnicas de manejo. O manejo também deve ser feito com consideração particular às sensibilidades das aves. Sei que isso soa bastante sentimental mas em alguns casos agir assim funciona. Espero que algo do que tenha escrito seja útil àqueles envolvidos nessa nobre tarefa de salvar espécies ameaçadas de serem extintas para sempre.

Ricardo Valentin é o avicultor do aviário Rio Abajo. Ele mora no aviário e cultiva orquídeas nas horas vagas, gosta de fotografia e raramente é visto sem sua camera. Ama também suas orquídeas porque elas não bicam ou gritam e suas tentativas de escapar são bastante lentas.

Citação: "...a maneira mais simples de aumentar a produtividade é aumentar o número de aves criadas pelos pais..."

Para um olhar mais aprofundado na história do extensivo trabalho já feito sobre essa espécie considere comprar o livro "Papagaios de Luquillo" disponível em www.parrots.org/estore

Fotos: O maior objetivo para os Papagaios de Porto Rico nascidos de cativeiro (extrema esquerda) é se adaptarem com sucesso à vida na natureza.

(Acima e à esquerda) Um casal selvagem defende seu território dentro do Aviário, incluindo as gaiolas de nidificação onde atacam os funcionários durante as checagens aos ninhos. A territorialidade é o prelúdio para nidificação – com sorte esse casal irá tentar fazer exatamente isso sob os olhos vigilantes da equipe de Rio Abajo (abaixo).

Uma foto bastante rara de interação de dominância na natureza mostra tanto a dominância e a corte. A pose ereta do macho, asas entreabertas e cauda aberta impressionam a fêmea. A cabeça dela abaixada e asas levemente caídas mostram que ela entendeu a sua intenção e o aceita. As fêmeas geralmente mostram muito pouco interesse em machos que possam intimidar. Se realmente ameaçada, ela iria ter uma postura defensiva ereta ou teria voado para longe.

Parrot Events

Encontro de Lóris

7 de Junho, 2009. Essex, UK, 12:30-4:30

Esse encontro, organizado por Rosemary Low, terá lugar no Tropical Wings Bird Park e irá incluir diversas palestras por Allan Manning em criação de lóris, David Woolcock sobre aviários para lóris, e Rosemary Low na alimentação de lóris.

Tel: Rosemary Low, 01623 846430

Simpósio Internacional sobre Psitacídeos
26-28 de Junho, 2009. Trinity College, Dublin, Irlanda

O Diretor do WPT, Jamie Gilardi, estará entre os 16 principais palestrantes de todo o mundo.
<http://www.parrotssymposium.com>

Celebração do vigésimo aniversário do WPT
30 de Junho e 1 de Julho de 2009, Hayle, Cornwall, Reino Unido

Celebre conosco, conheça a equipe do WPT, sócios e pessoal dos projetos. Aproveite a visita aos bastidores do Paradise Park.
www.parrots.org/invitation

Obrigado

O escultor Alan Derrick doou mais de 1.000\$ ao WPT com o leilão online da sua escultura “Maior do que a vida” de uma pena de papagaio *Amazona*. Veja a loja do WPT para outra escultura e telas do trabalho de Alan.

Mudança de endereço para entrega da revista?

Atualize online:
www.parrots.org/addressupdate

Papagaio herói

Um papagaio cujos gritos de alerta avisaram seu dono enquanto uma menina sufocava com o café-da-manhã, foi honrado como herói.

Willie, uma caturrita, recebeu a medalha “Animal salva-vidas” da Cruz Vermelha local. Em Novembro, o dono de Willie, Megan Howard, trabalhava como babá para uma criança. Howard deixou o aposento e a menina, Hannah, comelou a sufocar. Willie repetidamente gritou “Mamãe, bebê” e bateu suas asas. Howard voltou a tempo de encontrar a menina já ficando azul.

Howard salvou Hannah ao fazer a manobra de Heimlich mas disse que Willie “é o verdadeiro herói”.

Fonte: Associated Press

Companheiros de Leitura

Um amor pela literatura está crescendo na escola de Mulberry em Los Gatos, onde os estudantes estão ficando com cérebros de passarinhos – mas de uma boa maneira. A professora do terceiro ano, Judy Quigley, disse que as experiências de aprendizado de seus alunos na verdade aumentaram consideravelmente ao ler para Starbuck, um Papagaio-de-Timneh de 7 anos.

Fonte: Shannon Barry, Los Gatos Weekly-Times <http://www.mercurynews.com/cupertino/>